



## MERCADO NACIONAL SE PREPARA PARA A RETOMADA DO CRESCIMENTO

Os últimos anos têm sido de grandes desafios para o setor de celulose e papel do Brasil. Superados muitos obstáculos, essa indústria atravessou 2012 a passos curtos, colocando as contas na ponta do lápis e reavaliando suas estratégias de atuação no mercado. Conforme dados da Associação Brasileira de Celulose e Papel (Bracelpa), em 2012 a produção de celulose totalizou 14 milhões de toneladas, representando uma leve variação positiva de 0,6% em relação a 2011, e a de papel chegou a 10,2 milhões, atingindo apenas 0,1% de crescimento.

Conciliado o empate técnico dos resultados da produção anual do ano passado, a conta da receita de exportações ficou abaixo do esperado. As vendas externas tiveram retração de 7,4%, somando US\$ 6,7 bilhões e surpreendendo negativamente o setor. Desse total, a commodity representou US\$ 4,7 bilhões, com queda de 5,9% em relação ao ano anterior. Em termos de volume de celulose

exportada, foram 8,5 milhões de toneladas, apresentando comportamento estável, com variação de 0,4% ante 2011.

“Os números registrados pelo setor nacional em 2012 não mudaram muito em comparação a 2011, bem como o cenário externo como um todo, que praticamente se manteve estável, forçando o setor a rever os caminhos já definidos e a redirecionar suas estratégias. Nesse sentido, a mudança ocorreu internamente nas empresas de celulose e papel, a ponto de os primeiros sinais de recuperação desse mercado só terem sido sentidos em 2013 mesmo”, avaliou Carlos Alberto Farinha e Silva, vice-presidente da empresa de consultoria Pöyry Tecnologia.

De fato, o setor sofreu o impacto da crise no cenário internacional, em especial na Europa. Ao mesmo tempo, 2012 foi um ano de recuperação para os Estados Unidos, já indicando aumento de competitividade no setor. “Embora isso represente que os americanos absorverão mais mercadorias, também te-

rão maior capacidade de exportação. O reflexo disso deve ser observado futuramente na Ásia”, comentou Farinha.

Ainda assim, a zona do euro continuou como o principal destino da commodity, com os mesmos 46% da receita de exportação de 2011, seguido pela China e pela América do Norte, com 26% e 19%, respectivamente. “O enfraquecimento das exportações, contudo, desafiou o setor, que partiu em busca de objetivos importantes no ano passado, quando foram criadas ações coordenadas e focadas em assuntos para estimular a competitividade da indústria brasileira e dar fôlego para atravessar esse período adverso com os menores danos possíveis”, definiu Elizabeth de Carvalhaes, presidente executiva da Bracelpa, em artigo sobre os resultados do ano.

Enquanto isso, no cenário econômico nacional, expectativas cada vez menores em relação ao crescimento da indústria e o que já era temido em 2011 – a inflação – causaram impacto no mercado. A questão cambial também forçou as empresas a reavaliar os preços das commodities. Dessa forma, tentou-se ampliar a participação do papel nos países vizinhos da América Latina (responsáveis por 59% da receita de exportações do produto, representando um aumento de 3% nesse total), seguidos pela Europa e pela América do Norte, com 15% e 10%, respectivamente. Esse mercado foi responsável pela cifra de US\$ 1,9 bilhão de receita de exportações, porém 10,8% a menos que em 2011, conforme dados de balanço da Bracelpa.

“Como um reflexo do que vem acontecendo nos segmentos exportadores, os papéis gráficos continuam sendo afetados. Somente o papel imprensa apresentou queda de 50% nas exportações, seguido pelo papel para embalagem, com 16,8%, e pelo papel de imprimir e escrever, com 7,9% de queda. Por outro lado, os segmentos de embalagens de papelão ondulado e de papéis tissue têm apresentado crescimento bastante favorável no mercado doméstico”, comentou Farinha.

As vendas domésticas apresentaram crescimento positivo em todos os segmentos de papéis, com destaque para tissue, com aumento de 9,2%, e de imprimir e escrever, com variação bastante positiva de 3,7% em relação ao ano anterior. As vendas de papel cartão no mercado interno também se recuperaram após a queda de 10,6% em 2011, com crescimento de 3,7%.

Em relação às importações de papéis, houve um segundo ano de queda, com variação de 4,1%. É importante mencionar que grande parte dessa redução nas importações deve-se às medidas tomadas pelo governo para controlar a entrada de papéis declarados imunes e destinados a outros fins que não os editoriais.

## Fatos marcantes

O ano de 2012 teve duas grandes movimentações: o anúncio, no início do ano, pela Suzano Papel e Celulose sobre o adiamento por prazo indeterminado do projeto de energia no Piauí e o start-up, no final do ano, da maior fábrica de linha única de celulose branqueada de eucalipto no mundo, a Eldorado Brasil, em Três Lagoas (MS). Como a partida aconteceu em dezembro, a produção não se refletiu em números para o setor em 2012. A capacidade de absorção dessa produção, entretanto, foi confirmada pelo mercado externo nos primeiros meses de 2013.

O setor acompanhou ainda o start-up da nova máquina de papel para embalagens da MWV Rigesa em Três Barras (SC) e o anúncio da Lwarcel Celulose, que pretende ampliar sua produção para 750 mil toneladas e está em busca de investidores. A Fibria aproveitou o ano para estabilizar sua produção, voltando-se aos custos internos. Com isso, executou seu projeto Losango, no Rio Grande do Sul, fechando a venda de ativos florestais e terras para a CMPC Celulose Riograndense por R\$ 615 milhões.

Ao mesmo tempo, ainda continua a questão que vem se arrastando em relação ao impasse na área de fundos florestais, por conta da decisão da Advocacia Geral da União (AGU) que impede a aquisição de terras por empresas de capital estrangeiro. O ano de 2012 serviu, entretanto, para reunir os interesses desse setor na busca por melhorias, como o anúncio de intenções pela criação da Política Nacional de Florestas Plantadas (PNFP), proposta que está sendo conduzida pela Subsecretaria de Desenvolvimento Sustentável na Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE), da Presidência da República.

Além disso, alguns dos redirecionamentos feitos pelas empresas em 2012 já surtiram efeito no mercado em 2013. O setor brasileiro de celulose e papel encerrou o primeiro semestre com saldo positivo para produção e consumo. Em relação à celulose, com alta de 5,0% sobre o volume do mesmo período do ano anterior, a produção somou aproximadamente 7,3 milhões de toneladas. O resultado nas exportações da commodity no semestre em volume superou as expectativas, com crescimento de 8,4%. Destaque para a produção de junho/2013, quando a produção chegou a 1,2 milhão de toneladas de celulose, 18,1% a mais do que no mesmo mês de 2012.

Quanto ao papel, a produção somou cerca de 5,2 milhões de toneladas no semestre, 1,7% acima do obtido nos seis primeiros meses do ano passado. O volume de vendas no mercado

doméstico somou 2,7 milhões de toneladas, destacando-se os papéis para embalagem e para fins sanitários, que tiveram, respectivamente, altas de 2,8% e 5,5% no semestre, comparativamente ao mesmo período de 2012.

De janeiro a julho de 2013, a receita de exportações foi de US\$ 4,1 bilhões, significando um crescimento de 4,9%, ante os US\$ 3,9 bilhões registrados no mesmo período em 2012. As vendas de celulose para a China, o segundo maior mercado para o produto brasileiro, somaram US\$ 859 milhões, com aumento de 21,2%, enquanto para o principal mercado, a Europa, a receita caiu 1,6% no período, acumulando US\$ 1,2 bilhão.

No geral do ano, em termos de rentabilidade e acertos de contas, o setor vem pressionado para reajustar preços, o que já o fez este ano. Uma pressão maior por mais um reajuste é prevista pelos economistas em data mais próxima à inauguração das duas novas fábricas. “A oscilação mais forte deverá ser sentida com a entrada da nova fábrica da Suzano Papel e Celulose no Maranhão e Montes Del Plata, no Uruguai, praticamente ao mesmo tempo em 2013, colocando 2,7 milhões de toneladas de celulose no mercado”, apontou Manoel Neves, gerente de Estudos Econômicos da Pöyry Tecnologia.

“Até o final deste ano e o início de 2014, veremos o mercado enfraquecendo-se substancialmente, pois os chineses estarão relutantes em comprar a tonelada de celulose a um preço alto, tendo um prognóstico de baixa de preços. Então, eles adiarão a compra o maior tempo possível. Já é possível observar uma queda de preços na China, o que provavelmente continuará a ocorrer até o final deste ano”, explicou Kurt Schaefer, vice-presidente de Fibras e Aparas da RISI, durante o Congresso Latino-Americano da empresa realizado em agosto último.

Segundo Schaefer, espera-se uma variação de preços entre US\$ 75 e US\$ 150, porém não por um longo período, pois isso dependerá de como ficarão os custos de produção e o grau de enfraquecimento do mercado. O excesso de oferta não é a única questão, entretanto. À medida que aumenta a demanda, proporcionalmente a área de logística vai ficando sobrecarregada, devendo redobrar esforços e contar com muita criatividade para não tornar o problema ainda maior. Segundo Neves, a logística representa hoje mais de 40% do custo final da celulose. “Certamente, estamos perdendo competitividade nessa questão”, enfatizou.

“As baixas expectativas de crescimento do Produto Interno

Bruto (PIB) também não permitem grandes projeções”, comentou o gerente da Pöyry. Em julho deste ano, a Confederação Nacional da Indústria (CNI) reduziu de 3,2% para 2% a projeção em 2013, embora esteja acima do crescimento verificado em 2012, que foi de 0,9%. Outro ponto negativo, mas nada comparado ao ano passado, refere-se à projeção do PIB industrial, que foi revisado de 2,6% para 1%. No ano passado, houve retração de 0,8%.

Em contrapartida, o setor tem se mostrado atuante para buscar soluções e melhorar esse cenário, com uma extensa lista de conquistas. Entre os principais pontos, os fabricantes de celulose e papel já começaram a sentir os benefícios com a desoneração da folha de pagamentos, que passou a incluir o setor em janeiro de 2013, fruto de um intenso trabalho de representação do setor pela Bracelpa no governo federal. Dessa forma, a indústria deixa de recolher 20% sobre a folha de pagamento ao INSS em troca da contribuição de 1% sobre o faturamento da empresa no mercado interno.

O setor tem se beneficiado também do mecanismo Ex-Tarifário, que reduz a alíquota de Imposto de Importação de bens de capital (BK) e Bens de Informática (BIT) para 2% de uma alíquota média de 14% para esse tipo de produto. Um importante passo também se deu na área tributária, com a prorrogação do Reintegra em 2013. O programa contempla o segmento de papel estabelecendo a desoneração dos resíduos de tributos indiretos sobre produtos industrializados exportados.

Com isso, as empresas exportadoras podem reaver o equivalente a 3% da receita obtida. Segundo a presidente da Bracelpa, o setor ainda trabalha para a inclusão da celulose nesse regime de desoneração, a fim de manter a indústria nacional como um importante player no mercado internacional. Outra vitória para o setor: o anúncio do governo sobre o Recopi Nacional (Sistema de Registro e Controle das Operações com o Papel Imune), que estará em vigor a partir de 1.º de janeiro de 2014, passando a valer para nove Estados brasileiros (GO, BA, MG, PA, PR, RJ, RS, SC e DF).

Com diversas medidas de alinhamento entre governo e empresários, as ações que combatem o desvio de papel imune – implantado há cerca de três anos em São Paulo – vêm contabilizando ganhos. Nesse período já foram aplicadas multas no valor total de mais de R\$ 450 milhões, decorrentes de autuações por operações irregulares. Cada vez mais, as iniciativas em benefício do setor construirão uma indústria nacional fortalecida e capaz de competir mundialmente. ■